

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA NA MODALIDADE
A DISTÂNCIA**

EDINEI RODRIGUES MITTMANN

**A Contação de histórias na Educação
Infantil**

**Três Cachoeiras
2010**

EDINEI RODRIGUES MITTMANN

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora:
Profª Drª. Carmem Zeli de Vargas Gil

Tutora:
Profª Alda Graciela Pereira

**Três Cachoeiras
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para chegar até aqui e realizar esse sonho.

Aos meus familiares, que em muitos momentos foram privados da minha companhia, mas que foram pacientes e souberam compreender e me apoiar.

Aos professores, tutores, coordenadores, secretários da UFRGS e do Pólo de Três Cachoeiras, a querida amiga e professora Nádie Christina Machado e em especial às minhas orientadoras, as professoras Carmem Gil e Alda Graciela, pela paciência, incentivo e dedicação, em todos os momentos.

E principalmente a grande responsável por este sonho realizado, meu grande amor, esposa, amiga e companheira Josiane, que esteve presente, em todos os momentos desta caminhada, me dando forças e me incentivando a seguir em frente.

Obrigado!!!

RESUMO

A Literatura Infantil é uma prática interdisciplinar que está relacionada com outros modos de expressão (o movimento, a imagem, a música) que formam a bagagem comunicativa da criança desde os seus primeiros anos. Este trabalho traz como tema “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL” e tem como objetivo compreender a importância da contação de histórias na Educação Infantil como incentivo a leitura, auxílio na aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança. É importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias, pois suscita o imaginário infantil, estimula o intelecto e a formulação de hipóteses desenvolvendo assim, o potencial e as habilidades da criança. Durante o Estágio, que foi realizado em uma escola de Educação Infantil da rede municipal com uma turma de pré-escola, inseri em vários momentos a contação de histórias infantis, utilizando a literatura como um recurso metodológico e também em atividades lúdicas, pois percebia que as crianças adoravam estes momentos de interação com os livros. Foi muito gostoso trabalhar com história, pois eles prestavam muita atenção no que estava sendo contado, e conseqüentemente se interessavam nas atividades seguintes, demonstrando prazer em executá-las, além de aguçar o seu imaginário e desenvolver a sua oralidade deixando as aulas sempre mais instigantes. A partir de leituras realizadas e da prática de estágio, construí a pergunta central deste trabalho interrogando, “COMO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, pois acredito que a criança necessita ouvir histórias infantis para desenvolver sua personalidade em todas as etapas do seu desenvolvimento. Para fundamentar o tema escolhido busquei referências em Abramovich, Áries, Lajolo, entre outros. Este estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa com estudo de caso, pois investiga a experiência vivenciada no estágio, tendo como foco a contação de histórias na Educação Infantil. Os dados envolveram o registro de observações e conclusões das conversas, atividades desenvolvidas e rotinas diárias na escola campo de estágio. Com base nos estudos, nas questões levantadas e nas práticas vivenciadas no estágio, constata-se que a contação de história vai muito além de ouvir histórias. É viajar pelo mundo dos livros e da imaginação, encantando e despertando no aluno a curiosidade e o desejo por novas descobertas e aprendizagens.

Palavras-chave: Aprendizagem – Infância – Literatura Infantil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A LITERATURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	10
2.1	Educação Infantil: breves considerações	10
2.2	Conceitos de Infancia	13
2.3	A Literatura na Infancia.....	16
3	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	20
3.1	A importancia de ouvir histórias na Educação Infantil.....	20
3.2	Histórias para cada faixa etária.....	22
3.3	A magia do livro e os textos on-line	25
4	VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: OUVIR, SENTIR, VER E IMAGINAR	30
5	PARA CONTINUAR PENSANDO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	ANEXOS <FOTOS DO ESTAGIO>	48

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil é uma prática interdisciplinar que está relacionada com outros modos de expressão (o movimento, a imagem, a música) que formam a bagagem comunicativa da criança desde os seus primeiros anos.

De qualquer ângulo que se considere, a primeira infância desperta o interesse pela contação de histórias, e estas podem se converter em guia para a formação da mente e do caráter vindouro.

Abramovich cita que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as houve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (2006, p. 17)

Durante meu estágio na Educação Infantil, inseri em vários momentos a contação de histórias infantis, utilizando a literatura como um recurso metodológico, e também em atividades lúdicas, pois percebia que as crianças adoravam estes momentos de interação com os livros.

Foi muito gostoso trabalhar baseado em alguma história, pois eles prestavam muita atenção no que estava sendo contado, e conseqüentemente se interessavam nas atividades seguintes, demonstrando prazer em executá-las, além de aguçar o seu imaginário e desenvolver a sua oralidade, deixando as aulas sempre mais prazerosas.

Devido a sua importância para o desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e social da criança, e a partir das experiências que tive com a contação de histórias durante o meu estágio, decidi conhecer mais sobre o tema.

Portanto, este trabalho tem como tema: “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”.

Assim, acredito que é muito importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, pois possibilita suscitar o imaginário infantil, responder

perguntas, encontrar e criar novas idéias, estimular o intelecto, descobrir o mundo, sentir emoções, desenvolvendo assim, todo o potencial da criança, levando-a a pensar, questionar, duvidar.

Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um bom leitor é ter um caminho absolutamente infinito para a descoberta e compreensão do mundo.

Com essas reflexões construí a pergunta central deste trabalho interrogando, “COMO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, muito pertinente, pois acredito que a criança por sua grande capacidade de afetividade e por sua facilidade de converter o fantástico em real, necessita ouvir histórias infantis, implicando em toda a sua personalidade o afetivo e o cognitivo que estão plenamente unidos, em todas as etapas do seu desenvolvimento.

Muitos são os dilemas e discussões acerca deste tema, pois a Educação Infantil foi por muito tempo negligenciada e tratada com indiferença, onde a criança não era desenvolvida integralmente nas escolas de Educação Infantil, sendo somente cuidadas e alimentadas para que seus pais pudessem trabalhar. Assim, não havia uma preocupação com o intelectual, tampouco com a formação de leitores futuros.

Como desdobramento dessa questão central, cabe interrogar:

- As escolas de Educação Infantil estão preparadas com bibliotecas e livros voltados para esta faixa etária?
- Os professores buscam inserir a literatura infantil de forma prazerosa nesta etapa da educação?
- Os professores reconhecem os tipos de livros usados em cada faixa etária na Educação Infantil?
- Os alunos são incentivados pelas famílias a ouvirem e contarem histórias infantis?
- Há uma preocupação das escolas e famílias em manter vivo o livro infantil, não simplesmente substituindo-o pelos textos *on line*?
- Há um espaço apropriado para a criança manusear, ler e ouvir histórias nas escolas onde não há bibliotecas?

Para fundamentar o tema escolhido busquei referencias em Fanny Abramovich, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho, Bruno Bettelheim, entre outros, que falam sobre a Literatura, além de evidencias e reflexões da minha prática de estágio realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Madre Teresa, relacionando esses dados com as teorias referentes ao tema escolhido.

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa que estuda a experiência vivenciada no estágio, tendo como foco a contação de histórias na educação infantil. É, portanto um estudo de caso entendido para Marli André (2003) como o estudo descritivo de uma unidade seja uma escola, um professor, um aluno ou sala de aula. Neste caso busca investigar situações envolvidas na experiência do estágio realizado com alunos da pré-escola.

Os estudos de caso podem ser feitos através do diário de pesquisa ou da história-de-vida do indivíduo, do grupo ou de um dado processo social. No caso deste estudo envolveu o registro de observações e conclusões das conversas, atividades desenvolvidas, rotinas diárias na escola campo de estágio.

Para melhor entendimento do texto delinear-se alguns títulos e subtítulos que se constituem em capítulos assim apresentados.

O primeiro capítulo: *Literatura e a Educação Infantil*, seguindo dos sub-capítulos: Educação Infantil: breves considerações que analisa o conceito de infância e tece comentários sobre a literatura na Infância.

O segundo capítulo buscou focar na *Contação de História*, trazendo como subitens: A importância de se ouvir histórias na Educação Infantil; Tipos de história para cada faixa etária e a Magia do livro x A praticidade dos textos on-line. Trata-se de discutir sobre a importância do livro, do hábito de ler e viajar entre suas linhas, mas sem deixar de lado a modernidade dos meios de comunicação que nos rodeiam, e também a importância de usar a contação de histórias para estimular o prazer da leitura e para auxiliar no desenvolvimento infantil.

O terceiro capítulo traz o relato da minha experiência com a contação de história no estágio supervisionado com o título: *Vivenciando a contação de histórias: Ouvir, sentir, ver e imaginar*. Este capítulo está dividido em dois tópicos: A contação de história no contexto da pré-escola e A contação de história como eixo interdisciplinar. Neste capítulo relatarei um pouco da minha prática com a contação de historias na Educação infantil, as atividades interdisciplinares desenvolvidas através das historias contadas e o entusiasmo das crianças.

2 LITERATURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo traz breves considerações sobre a Educação Infantil, conceitos de diferentes autores sobre a infância e a utilização da Literatura Infantil nesta fase, com apoio teórico em Maria Lúcia Machado, Philippe Áries, Sônia Kramer, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e a Constituição Federal de 1988, entre outros.

A infância é uma etapa primordial no processo de desenvolvimento da criança, pois é nesta fase que ela desenvolve com mais facilidade a sua capacidade de criar, interagir e estimular o seu pensamento. Assim a Educação Infantil cumpre um papel educativo de vincular a formação da criança à uma função educativa que amplie este processo de construção pessoal a partir de uma perspectiva construída pela diversidade e pela prática social.

2 1 Educação Infantil: breves considerações

A história de atendimento a criança em idade menor, foi marcada, em grande parte por ações que priorizavam o atendimento de crianças pobres, isto é baseada em serviços prestados seja pelo poder público, seja por órgãos filantrópicos.

Em geral, a Educação Infantil, organizava-se com base na lógica da pobreza, sejam por entidades religiosas e filantrópicas, não era considerado um direito das crianças e de suas famílias, mas sim, uma doação que se fazia, e muitas vezes ainda se faz, sem grandes investimentos. Sendo destinada a população pobre, justificava-se um serviço pobre.

Além dessas iniciativas, também as populações das periferias e das favelas procuraram criar espaços coletivos para acolher suas crianças, organizando creches

e pré-escolas comunitárias. Para tal, construíram e adaptaram prédios com seus próprios e poucos recursos.

Foi na década de oitenta, mais precisamente com a Constituição Federal de 1988, que se estabeleceu um caráter diferenciado, impondo a Educação Infantil um caráter educacional e de cidadania.

A Constituição de 1988 representou um grande avanço ao estabelecer como dever do Estado, por meio dos municípios, garantia a Educação Infantil, com acesso para todas as crianças de 0 a 6 anos a creches e pré-escolas. Essa conquista da sociedade significou uma mudança de concepção, pois a Educação Infantil deixava de se constituir em caridade para se transformar, ainda que apenas legalmente, em obrigação do estado e direito da criança.

A expressão Educação Infantil e sua concepção como primeira etapa da Educação Básica estão agora na lei maior da educação do país, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996.

Se o direito de 0 a 6 anos a educação em creches e pré – escolas já estava assegurado na Constituição de 1988 e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a tradução deste direito em diretrizes e normas, no âmbito da Educação Nacional, representa um marco histórico de grande importância para a Educação Infantil em nosso país.

A Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional onde cita que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, art. 29)

Sendo a ação da Educação Infantil complementar a da família e a da comunidade, deve estar com essas articuladas, o que envolve a busca constante do diálogo com as mesmas, mas também implica um papel específico das instituições de Educação Infantil no sentido de ampliação das experiências, dos conhecimentos da criança, seu interesse pelo ser humano, pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

Segundo Machado:

A criança, nesta nova ótica, é vista como parte desta totalidade, que determina e é determinada por esta. Um ser humano em processo de humanização permanente, um cidadão com lugar definido na sociedade, um sujeito cognoscente desde que nasce (1992, p.62)

A educação da criança de 0 a 6 anos, seja em creches ou pré-escolas, deve estar vinculada necessariamente ao atendimento do cidadão-criança; a criança passa a ser entendida como sujeito de direitos e em pleno desenvolvimento desde seu nascimento.

A garantia do cumprimento destes princípios, bem como a organização do trabalho pedagógico desta etapa da educação ganha parâmetros norteadores denominados Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RCNEI) que trazem metas e objetivos para serem desenvolvidos em cada faixa etária.

Conforme Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI 1998), considerando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de 0 a 6 anos, a qualidade das experiências oferecidas pode contribuir para o exercício da cidadania devem estar embasadas em princípios como: respeito, dignidade, diferenças individuais, direito de brincar, se expressar, pensar e se comunicar, ter acesso aos bens sócio-culturais disponíveis, a socialização por meio da inserção nas práticas sociais, cuidados essenciais a sobrevivência e ao desenvolvimento integral, mas antes de tudo, a criança tem direito de viver experiências prazerosas na instituição. (RCNEI, 1998 v.I)

Neste sentido, o trabalho a ser realizado nas instituições de Educação Infantil vincula-se às peculiaridades do desenvolvimento humano específico desta faixa etária, na perspectiva de garantir os direitos fundamentais da criança, ou seja, direito a educação, saúde e assistência, para uma parcela da população que historicamente foi negligenciada.

“Individualizar a educação infantil, não é marcar ou excluir alguma criança, mas levar em conta a sua singularidade, respeitando-a e valorizando-a como pessoa, e sua cultura”. (RCNEI 1998 v.I, p. 33)

É preciso, portanto, conhecer a criança com quem trabalhamos, entendendo-a como um ser social e histórico que apresenta diferenças de procedências socioeconômico-cultural, familiar, étnica, de gênero, de faixa etária, entre outras, que necessitam ser conhecidas, respeitadas e valorizadas nas instituições de educação Infantil.

Nesse longo percurso da história do atendimento à infância, pesquisas e práticas vêm buscando afirmar a importância de se promover uma educação de qualidade para todas as crianças.

Cabe, portanto, às instituições que trabalham com as crianças menores de sete anos de idade, um redimensionamento de suas funções visando a superação tanto de assistência científica, quanto de seu caráter compensatório e de preparação para o ensino formal, ainda presente no cenário nacional, de forma lúdica e prazerosa priorizando sempre o bem-estar da criança.

2.2 Conceitos de Infância

Historicamente já tivemos muitas concepções de infância. Basta olharmos a literatura e as imagens das crianças ao longo dos tempos.

Segundo Kramer (1992), nem sempre a criança foi reconhecida como um ser que merecia atenção e valor. Era como um rebento da natureza, uma planta selvagem que, se tivesse sorte, sobreviveria às diversidades.

Até a Igreja fazia vista grossa para as necessidades das crianças, sem se preocupar com as que não sobreviveriam, por um lado crendo que era vontade de Deus, por outro, dizendo que eram tão fraquinhas e não podiam viver.

Áries (1981) faz uma análise em relação a infância, esta fora negligenciada, pois as crianças eram tidas como se fossem brinquedos encantadores, ou seja, a imagem, de frágeis criaturas de deus, que deviam ser preservadas e disciplinadas.

O sentimento de infância, a ideia de infância, a representação de infância, todos esses fenômenos associados a infância surgiram na civilização muito vagarosamente e ligado a motivos os mais surpreendentes como a diferença entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos.

A partir do século XVI no contexto da sociedade burguesa, novas necessidades são estabelecidas para a família da classe trabalhadora, quanto a tutela das crianças ainda não envolvidas com o trabalho, com isto a criança deixa de conviver com os adultos e passa a ser mantida a distância, num processo de enclausuramento denominado escola.

A visão sobre a infância, como um período específico pela qual todos passam, é uma construção definida na nossa atualidade. A questão de que todos os indivíduos nascem e será crianças até um determinado período, independente da condição vivida, é inegável, mas é uma construção histórica.

Áries cita a infância como uma etapa cronológica da vida, entretanto, tal premissa nem sempre foi percebida dessa maneira, e por diversos períodos se questionou qual era o tempo da infância e quem era a criança.

O autor ainda enfatiza que esse conceito ou ideia que se tem da infância foi sendo historicamente construído e a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura.

Etimologicamente: do latim IN (não) FANCIA (capacidade da fala), nessa perspectiva, a fase da infância seria caracterizada pela ausência da fala e de comportamentos esperados, considerados como manifestações irracionais.

Kramer (1992) assinala que para trabalhar a concepção de infância em uma perspectiva histórica demanda compreendê-la como fruto das relações sociais de produção que inventam as diversas formas de ver a criança e produzem a consciência da particularidade infantil. Neste sentido, a concepção de infância varia de acordo com a cultura onde ela é concebida.

Para entendermos o caráter histórico da construção de conceito de infância, vamos nos reportar ao estudo minucioso da Idade Média e início da Moderna, que nos remete à compreensão do que hoje chamamos de sentimento da infância.

Áriès (1981) demonstra que a concepção de desenvolvimento humano na Idade Média esta relacionada com a ação que os homens exerciam na sociedade. Os diferentes períodos vividos pelos indivíduos correspondiam não apenas à sua formação biológica, mas também estavam relacionados às suas funções sociais.

A partir do século XVI, ao contrário do que valia para a civilização medieval, começa a se estabelecer a diferença entre mundo das crianças e o mundo dos adultos.

No século XVII, mudanças consideráveis vêm contribuir de forma definitiva e imperativa para a concepção de infância, onde o conceito de infância foi construído a partir das relações sociais estabelecidas em função de uma essência ou natureza da criança.

Em meados do século XIX, a infância começou a ser tratada pedagogicamente, surgindo a partir dos pensamentos de Froebel e Pestalozzi, as chamadas pré-escolas, caracterizando esta fase da criança como educação e não somente assistencialismo.

Considerando que o olhar sobre a infância não foi sempre o mesmo, isto nos leva a acreditar que os significados também não foram os mesmos. Modificações ocorreram e ocorrem por determinações culturais e mudanças estruturais na sociedade.

Neste aspecto, Kramer nos dá subsídios para compreender melhor este fenômeno chamado “infância”, pois para a autora:

(...) a idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrario, ela aparece com a sociedade capitalista urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto (de adulto) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para a atuação futura. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade (KRAMER, 1992,p.18).

Com a preocupação em relação á educação de seus filhos, e conseqüentemente com o surgimento do sentimento de infância na família, Ariès relata que, nos escritos datados de 1602, as crianças eram enviadas a partir dos sete anos á “escola”, entendida como [...]” o mercado da verdadeira sabedoria”[...], ou seja, acreditavam que os “alunos”se tornariam ‘os artífices de sua própria fortuna, os ornamentos da pátria, da família e dos amigos”(ARIÉS,1981, p.277).

Vale ressaltar que as crianças, além de se apropriarem dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, importantes para a participação ativa na sociedade na qual estão inseridas, necessitam também de espaços e tempos que garantam o desenvolvimento e potencializarão das diversas dimensões humanas.

Entender a infância enquanto categoria social implica entendê-la enquanto produtora de cultura. As culturas infantis assentam nos mundos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade, produzindo, assim, não uma cultura da infância, mas o caráter plural dos sistemas simbólicos.

Portanto, não se pode pensar em uma única infância, pois esta reflete as variações da cultura humana, sendo que uma mesma sociedade existe e é construída de diferentes infâncias.

Esse é o resultado da variação das condições sociais em que as crianças vivem. A criança não é um ser isolado, ela se constitui nas relações sociais, nos mais diferentes tempos e espaços presentes em sua vida. E essas vivências e convivências culturais e sociais dependem do tempo histórico em que se situam as crianças e mudam de cultura para cultura.

O conceito de infância no novo tempo perpassa pela via da contextualização, da heterogeneidade e da consideração das diferentes formas de inserção da criança na realidade; no mundo adulto, nas atividades cotidianas, nas brincadeiras e tarefas, delinea-se um conceito de infância de um novo tempo.

Dentro desta nova concepção de infância, a instituição de Educação Infantil deve incorporar, de forma integrada, as funções de educar, cuidar e brincar, enfocando a linguagem, a mediação e a interação da criança e do professor no contexto social em que está inserida.

Conforme RCNEI (1998, v.I), a interação social, nas situações diversas do cotidiano infantil, é uma das estratégias mais importantes do professor para promover a aprendizagem do aluno.

Ainda que se pense na infância como um tempo comum vivenciado por todas as crianças, não podemos afirmar que todas passam pelas mesmas experiências. E, menos ainda, que essas experiências sejam sempre felizes, e que o brincar faça sempre parte do cotidiano da vida de todas as crianças.

2.3 A Literatura na Infância

Recorrendo ao dicionário, temos um conceito de literatura definida por Zilberman (1985, p. 377) como: “arte que emprega como instrumento a palavra”.

Cabe aqui, pontuar, também, outra definição a respeito da palavra Literatura, que vem do latim, desta vez explicada por Lajolo (2005, p. 29), “a forma latina Literatura nasce de outra palavra igualmente latina: Literatura, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem”. O que fortalece o conceito de Literatura privilegiando a manifestação escrita sobre a oral, explica a autora.

Cunha(1988), valendo-se de Meireles, explica que a Literatura surgiu antes do alfabeto, os iletrados possuem a sua literatura, os povos “primitivos” ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias, herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca.

A Literatura, pertencendo ao campo das artes, pode ser definida simplesmente como arte verbal, cujo meio de expressão é a palavra. E quando afirmamos que o meio de expressão da Literatura para além do seu sentido etimológico. Estamos, então, propondo um sentido amplo ao conceito de Literatura, pelo qual a arte verbal seja entendida, sobretudo, como arte da palavra e não como arte da letra (LAJOLO, 2005).

Sendo assim, a Literatura infantil deve ser definida, antes de tudo, como Literatura, ou seja, como arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. “Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização...” (COELHO 2000, p. 24).

Em essência, a natureza da Literatura Infantil é a mesma da que se destina aos adultos, diferenciando-se apenas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.

A valorização da Literatura Infantil como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente.

De acordo com Coelho (2000), até bem pouco tempo esta Literatura foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor, pois vulgarmente, a expressão literária infantil sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados a distração e prazeres das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém.

Segundo a autora, o caminho para a redescoberta da Literatura Infantil foi aberto pela Psicologia Experimental, que chama a atenção para os diferentes estágios de desenvolvimentos (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A partir desse conhecimento de ser humana a noção de criança muda e nesse sentido torna-se decisivo para a Literatura Infantil adequar-se ao conseguir falar, com autenticidade, aos seus destinatários.

Enfim, percebemos que as fronteiras da Literatura são sempre imprecisas, por isso Coelho (2000) ressalta que cada época compreendeu e produziu Literatura a

seu modo e conhecer esse modo é conhecer as particularidades de cada momento da longa marcha da humanidade, em permanente evolução. E sobre o conhecimento histórico da Literatura Infantil a autora afirma: “Conhecer a Literatura que cada época destinou as suas crianças, é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e fundamenta...) (COELHO 2000, p. 24)”.

A Literatura se faz presente nas brincadeiras, nas rodas cantadas, na arte e nos filmes infantis. Na Educação Infantil ela esta sempre articulada com as atividades lúdicas, pois a Literatura promove o desenvolvimento da criança, além da imaginação, da criatividade e de seu senso crítico.

O ideal da Literatura é entreter, instruir e educar as crianças. O prazer deve estar acima de tudo, quando se trata da leitura literária. A função primeira do livro infantil é a estético-formativa, a educação da sensibilidade, pois reúne a beleza. É desse modo que a Literatura pode intervir no processo ensino-aprendizagem, pois lendo e ouvindo histórias o sujeito desenvolve sua sensibilidade, seu gosto artístico, como também amplia sua maneira de ver e entender o mundo (COELHO, 2000).

Este contato com os livros e histórias auxilia o desenvolvimento no aspecto cognitivo, na aquisição da linguagem oral e na socialização, na construção de regras e limites na relação com o outro e, sobretudo, no aspecto afetivo que trabalha com o vínculo e a constituição do sujeito.

Como bem coloca Abramovich (2006, p.29) "Ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!

Os livros literários estão repletos de concepção de mundo e problemáticas atuais cujo conhecimento, discussão e reflexão em muito podem contribuir para a construção de uma escola voltada para a cidadania. Extrapolar então, os limites do texto literário, buscando, a partir dele, entrar em contato mais significativo com questões de interesse não só individual, mas também coletiva, pode-se tornar um fator de grande valia na formação de pessoas comprometidas com o mundo em que vivem (ABRAMOVICH, 2006).

É inegável que as histórias contribuem em muitos momentos e em diferentes aspectos da escolaridade infantil, mas infelizmente é só na escola que a maioria das crianças conhece o livro ou escuta uma história.

Muitas destas crianças só conhecem e acham possível existir o livro com letras para completar a alfabetização, tomando-o apenas como tarefa, lição ou obrigação de leitura informativa ou formativa, e não uma leitura prazerosa de descobertas e imaginação.

As escolas de Educação Infantil que trabalham a literatura para desenvolver apenas a leitura e a escrita da criança, visando somente á decodificação das palavras, são aceitas por grande número de educadores que não acreditam num currículo que desperte a fantasia, a liberdade e o prazer.

Não existem fórmulas mágicas para envolver os alunos na leitura, o livro em si, já nos dá muitas idéias. “Importante é explorar, discutir, clarear. Não cobrar. Fazer vibrar” (ABRAMOVICH, 2006, p. 148).

Ao contar uma história para uma criança, tem-se a oportunidade de compartilhar emoções, despertar o prazer de escutar o outro e de estar em convivência com o grupo.

Ao ouvir uma história, pode-se fazer e refazer, produzir e reproduzir imagens na mente, imagens no passado, estimular a criatividade.

A inserção da Literatura Infantil no cotidiano escolar vai depender da criatividade e do planejamento do professor, que deve selecionar livros de acordo com os interesses da criança e propor atividades prazerosas que exercitem a leitura crítica e a criatividade, ampliando a visão de mundo dos alunos, de uma forma prazerosa e mágica.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Este capítulo traz a contação de história e sua importância na Educação Infantil, os tipos de histórias para cada faixa etária e a magia dos livros e os textos on-line, fazendo um paralelo entre a utilização dos livros na era digital embasados em alguns autores como Fanny Abramovich, Marisa Lajolo, Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho e Sisto e Chartier.

3.1 A importância de ouvir histórias na Educação Infantil

Ao ouvirmos a expressão “Contação de histórias” quase sempre nos recordamos da mamãe, de uma tia ou avó que nos contavam histórias para embalar o sono, mas, infelizmente, o contar histórias está se tornando uma prática pouco comum ou quase inexistente na sociedade moderna em que vivemos.

Contar histórias, lidas, ouvidas, imaginadas, recriar histórias, contar histórias de ficção científica, de terror, mistério, surpresa, detetives e policiais, empregando resumo de realismo mágico e fantástico. Essas formas de comunicação sempre estiveram presentes na vida de qualquer pessoa. E nas crianças, é mais perceptível, porque elas sentem a necessidade de contar suas descobertas.

Para Abramovich:

(...) é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinitivo de descobertas e compreensão do mundo. (2006, p. 16)

Quando estas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser apresentados a ela.

Coelho referindo-se a essa questão comenta que:

As narrativas são uma importante fonte de prazer para a criança e contribui para o seu desenvolvimento. Ao contar histórias às crianças aprendem a lidar com situações reais ou fantasias, permitindo assim, a criação de novos fatos, talvez o que elas gostariam que fosse à sua realidade. (2000, p.13)

É na utilização da linguagem do contar, que ampliamos concepções sobre as coisas, sobre as pessoas que desempenham vários papéis sociais ou personagens, enriquecendo as identidades, e experimentando outras formas de ser e pensar.

De acordo com Bamberger (2005), no *corre-corre da vida*, na linguagem industrial que algumas emissoras impõem, pouco é reservado para contar histórias para os filhos, se esquecendo que a partir das histórias que houve, a criança cria seu próprio inventário moral, elabora questões que a angustiam e se sente alimentada.

Antunes (2001) relata que é na infância que se transformam as atitudes. Ouvindo histórias, as crianças se identificam com este ou aquele personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida, e isso pode ajudá-la a resolver seus problemas.

Neste momento, os livros fazem parte de um mundo especial, onde a fantasia se apresenta de maneira diversa por meio de palavras e desenhos.

Os autores ainda mencionam que, desde muito cedo, a criança gosta de ouvir histórias e que, para ela, cada figura conta um fato. Os livros que foram lidos quando as crianças tinham um ano e meio ainda terão vez quando estiverem com quatro anos ou mais, pois o significado fica mais claro para a criança cada vez que a história é ouvida.

O importante é dar-lhes oportunidade de demonstrar quais são as histórias preferidas, uma vez que cada história contada é uma nova experiência para a criança.

Ao contar histórias é necessário exercitar uma voz fluente, que muda o tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem. Uma história bem contada jamais é esquecida, ela fica na memória.

Segundo Abramovich:

[...] Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de

qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante [...] (2006, p.18)

Ler uma historia é um momento que pode se dar de modo individual ou coletivo, em qualquer contexto: familiar, escolar, espaços públicos, livrarias, bibliotecas, etc.

Histórias bem trabalhadas na prática educativa com professor mediador fazem com que se transformem em conhecimento.

Para Augusto Cury (2003, p. 134): “Contar histórias fisga o pensamento, estimula análise. Os jovens poderão esquecer suas críticas e regras, mas não esquecerão das suas histórias”.

Para Coelho (2000), em se tratando de Educação infantil, as histórias devem apresentar enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem do cotidiano das crianças, da vivência afetiva e doméstica, do meio social, de brinquedos e animais que as rodeiam, e recheada de ritmos e repetições.

É ouvindo histórias que a criança vai receber aquele conhecimento que, mais cedo ou mais tarde, utilizará na sua vida, em momentos que precise fazer escolhas, ou mesmo na sala de aula.

No momento de escutar histórias, não só a criança como qualquer pessoa, pode sentir emoções variadas como tristeza, raiva, tranqüilidade, entre outras e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

3.2 Histórias para cada faixa etária

Literatura é arte. Nesse sentido, a arte tem a sua especificidade no sujeito a quem se destina, ou seja, a criança.

Por meio do imaginário infantil, a criança desenvolve-se e estabelece relações entre o pensamento e a realidade onde vive.

Conforme traduz COELHO (2000, p.19), a Literatura tem sua essência na arte: “[...] fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos em vida prática, o imaginário no real, os ideais e suas possibilidades de realização.”

Nesse sentido, explorar as histórias, de forma crítica, é fundamental para a formação do sujeito, sendo aproveitadas e inseridas no contexto escolar usufruindo de todas as possibilidades que as histórias proporcionam.

No que se refere aos tipos de histórias, a diversão acabará por encantar os alunos e libertá-los para novas aprendizagens e também para o hábito e o gosto de ler histórias.

Segundo Lajolo:

A literatura Infantil constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são ilimitados. [...] é a literatura que, como linguagem e como instituição, expressa e discute simbolicamente, seus impasses, seus desejos e utopias. [...] (2005, p.105)

O ato de ler, ou de ouvir alguma contação de história é um processo complexo, e precisa ser vista como uma atividade intelectual eminentemente humana.

A leitura feita através da contação de histórias é mais que um ato mecânico e automático de decodificar símbolos e seus sons correspondentes. Vai além, transcende quando abrange o aspecto humano, pois só o homem é capaz de raciocinar e demonstrar sentido.

A leitura envolve também o significado, ou seja, aquilo que o autor escreveu pode ser compreendido e interpretado de diferentes modos pelo sujeito que lê, isto é, pelo leitor ou pelo ouvinte, dependendo é claro, das experiências de vida e de todo o conhecimento prévio dos sujeitos envolvidos neste ato da leitura (contador e ouvinte).

Como cita Abramovich (2006, p.14): “Ler, significa abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e das vivências dos personagens”.

Por meio de exemplos contidos nas histórias as crianças adquirem maiores vivências, exploram suas emoções e criam no seu imaginário situações vividas na sua realidade.

Segundo Dohme (2010), as histórias transmitem valores educacionais trabalhando aspectos internos nas crianças como: caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina.

Dohme ainda cita que:

Temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer seus heróis, assistir aos filmes, conhecer suas brincadeiras preferidas. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta ao comportamento que desejamos ou precisamos abordar. (2010, p. 25)

Assim a autora acima citada traz algumas orientações na escolha de histórias para cada faixa etária:

De zero a 2 anos a criança prende-se ao movimento, ao tom de voz e não ao conteúdo que é contado. Ela presta atenção ao movimento dos fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas.

Histórias de bichinhos e brinquedos falantes, livros de pano com imagens grandes, de boa visualização, pois nessa fase a criança tem necessidade de pegar a história, segurar fantoches e agarrar os livrinhos.

De 3 a 6 anos, as histórias devem ser muito fantasiosas, histórias com fatos inesperados e repetitivos, cujos personagens são animais ou crianças. Esta é a fase do “conte outra vez”, devido ao fascínio que as histórias exercem na criança, elas pedem para ouvir a mesma história varias vezes.

Nesta faixa etária, os contos de fadas são muito apreciados, pois possibilitam fantasiar, desencadear sentimentos e conflitos.

Conforme Bettelheim:

[...] no conjunto da Literatura Infantil nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança do que os contos de fadas, pois por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de historia dentro de uma concepção infantil.
(2006, p.12)

Por seu caráter significativo e intrínseco a realidade dos sujeitos é que os contos de fadas permanecem fortes até os dias atuais, ocupando um lugar privilegiado no desenvolvimento infantil.

Para Bettelheim (2006), à medida que a criança se desenvolve, ela aprende passo a passo a se entender melhor, com isso, torna-se capaz de entender os outros e eventualmente a se relacionar melhor com as pessoas e com o mundo de forma satisfatória e significativa.

Portanto é preciso muito esforço e dedicação para estudar o mundo ao qual pertencem as nossas crianças, quais suas necessidades e interesses, pois o

excesso e os apelos a que as crianças são submetidas nos dias atuais, numa era onde tudo é digital, mecânico e prático, é imprescindível manter a magia de uma boa história no imaginário infantil.

3.3 A magia do livro e os textos on-line

Muito se discute em nossa sociedade quanto ao avanço da tecnologia. Afinal, o que falta ser inventado? Hoje, pensar em avanço tecnológico, logo vem à mente a relação do homem com o computador. Mudanças, apesar de nos últimos anos ter sido mais voraz, faz parte da vida humana desde seus primórdios.

Como poderíamos imaginar, a princípio, o desenvolvimento das primeiras civilizações, a transmissão do conhecimento, a sobrevivência da espécie, os registros para as gerações futuras, a comunicação em geral?

Gritos e gestos, pinturas e gravuras nas paredes, a criação dos primeiros códigos lingüísticos, a escrita, a imprensa, são exemplos de avanços na comunicação humana que envolve claramente a elaboração de tecnologias para esse fim.

Hoje, com o advento do computador e a quantidade de informações que se tem acesso através da internet, outros espaços de construção do conhecimento surgem e envolvem o desenvolvimento de homens e mulheres e sua relação com as novas tecnologias. Como fica então a Contação de História numa era em que as novas tecnologias predominam?

No momento em que a humanidade se percebe na construção de tecnologias cada vez mais avançadas, pensar formas de como atrelar a utilização dos aparatos tecnológicos a atividades já inseridas no contexto escolar, como, por exemplo, a contação de histórias, é cada vez mais necessária.

O momento do "anúncio" de uma história provoca uma expectativa de mistério e sedução e nesse momento se concretiza toda a felicidade da criança.

O texto oral não dá tudo pronto para o ouvinte (ou leitor) pelo menos um bom texto. Por isso o ouvinte adquire uma função ativa na narração: ele tem que ir preenchendo os vazios que a narração vai deixando. (SISTO, 2001, p. 125)

O aluno-ouvinte é quem preenche estas lacunas por intermédio da imaginação. O mesmo se encanta a ponto de esquecer-se temporariamente de tudo e adentra a fantasia que por hora o convida. Assim, a nossa temática está inserida em toda essa expectativa, "As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula".

Ao ler uma história a criança desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... "Pode se sentir inquietada, cutucada" querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. Isso não deve ser feito somente uma vez ao ano, mais deve fazer parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

Abramovich cita que:

É preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se houve concordância ou não com o que foi contado... É perceber se ficou envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho, é formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a apreciar, a amar um autor, um gênero, uma idéia etc.). (2006, p. 18)

Os professores precisam se apropriar das histórias infantis com o intuito de levar a criança a resolver seus próprios conflitos, importantes para elas, mesmo quando para a escola esses problemas lhes parecerem fúteis.

Levando-se em conta a importância, ao menos quantitativa, que a escola tem na vida infantil. Há que se transportar para a escola também o objeto mágico para conformá-la aos desejos da criança e torná-la mais humana. Somente a partir dessa humanização da própria escola, é que a aprendizagem se tornará prazerosa e conseqüentemente significativa.

O que faz a história estimulante é o que proporciona a criança coragem para que ela enfrente suas dificuldades pessoais. As interpretações adultas por mais corretas que sejam, acabam impedindo a possibilidade ou a oportunidade que a criança teria por si só de enfrentar com êxito uma situação difícil e real para ela.

Uma história é feita, na cabeça do ouvinte, pela construção de expectativas, frustrações, reconhecimento e identidades.

Para SISTO (2001, p. 14) "Uma história estimulante pode apresentar toda sorte de construção. O que se oculta e vai se revelando aos poucos é próprio do jogo, também da linguagem". Igualmente, a utilização de recursos áudio-visual para

a realização de uma releitura dos contos tradicionais não pode ter como ambição a substituição do ritual da contação.

Assim, percebe-se a responsabilidade na interação das novas tecnologias com a contação de histórias no ambiente escolar. Mesmo porque, "o prazer de ser transportado de forma benevolente e cuidadosa, ao universo das palavras que possuem corpo, das histórias que se tornam tangíveis, daquilo que nos humaniza" (SISTO, 2001, p. 32).

Nessa situação os aparatos tecnológicos como vídeo, TV e computador, podem desempenhar papel de motivação, demonstração, instrumento para diferenciação progressiva e reconciliação integrativa e instrumento de apoio a exposição do professor.

Por outro lado, é importante salientar que a questão não está na tecnologia em si, mas sim, na sua utilização, uma vez que ela é a capacidade de perceber, compreender, criar, adaptar, organizar e produzir insumos, produtos e serviços.

A evolução tecnológica acaba passando para o "objeto" a responsabilidade da interpretação ou da caracterização de toda a simbologia e a significação que a história nos permite ter. Por outro lado, esquece-se de que a informação só tem valor como combustível para a reflexão se fizer parte integrante da construção do indivíduo.

Na escola, por exemplo, o simples fato de se passar um filme ou ensinar os alunos a navegar na internet, consiste numa mera aula expositiva que supõem apenas a interpretação de um questionário entregue pelo professor.

Pensar em tecnologias é acreditar na capacidade que o ser humano de desenvolver ferramentas e repensar conceitos e atitudes. Tudo que é novo, na verdade, pressupõe o aperfeiçoamento de descobertas feitas anteriormente e que nos dias de hoje, de forma dinâmica, aspiram resolver questões que se modificam dia-a-dia.

A busca por soluções mágicas e a tentativa de homogeneizar a escola, faz do uso tecnológico uma ferramenta para distração dos alunos, uma vez que é uma novidade. Além disso, o fato de não dispor dos novos recursos geralmente é utilizado como argumento para a não realização de um bom trabalho em sala de aula. Essa perspectiva exige uma reflexão sobre o papel da escola, a importância e a necessidade da utilização de recursos tecnológicos no contexto escolar.

A interação da criança com o seu meio proporciona os recursos para o pensamento, sendo assim, se a tecnologia está inserida no contexto de vida das crianças, por exemplo, podemos afirmar que ela poderá auxiliar nesse desenvolvimento. Mesmo porque, pela primeira vez, são as crianças as que melhor dominam um novo aparato tecnológico e estão à ponta do processo transformador que atinge, cada vez mais, áreas da vida cotidiana (ANTUNES 2001, p. 24)

Segundo Chartier (2008, P.56): “Estamos vivendo uma transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança influencia no próprio hábito de ler”, pois ler na tela é diferente de ler no livro impresso. Ou seja, o suporte da leitura determina práticas e sentidos diferentes à leitura.

Com o uso da tecnologia, o professor poderá amplificar os estímulos em sala de aula, através de documentários, discussões sobre a criação de desenhos animados, filmes futuristas entre outras questões que irão provocar o aluno a criar, pois "os estímulos são o alimento da inteligência". (ANTUNES, 2001 p. 18)

Enfim, a contação de história pode ser usada como recurso de aproximação do aluno com a leitura, mas esse não pode e nem deve ser o único objetivo dessa tão rica e indispensável atividade, mesmo porque, não sendo dessa forma, limitaremos a contação de história a um mero recurso áudio-visual. Possuir recursos tecnológicos não garante sua utilização eficaz.

Chartier (2008) enfatiza que: “De fato, lermos um livro embaixo de uma árvore ou discutirmos o mesmo rodeado de amigos, é diferente de “blogar” na internet”.

Nas discussões percebemos que os recursos tecnológicos, principalmente os multimídia, em sua maioria, não foram criados para atender às demandas educacionais. Os computadores, por exemplo, surgiram para atender uma demanda comercial, ou mesmo bélica, e passou a ser utilizado, depois de popularizado, em outros espaços, inclusive na escola.

Atrai-se à tecnologia uma imagem de frieza, de exatidão e é criado um estereótipo já conhecido nas escolas, principalmente quando se pensa em contação de histórias.

Se pensarmos por este ângulo, podemos perceber que o tratamento dado à tecnologia em sala de aula se assemelha ao que é dado geralmente à arte: Apesar de se achar importante, quem tem que assumir são pessoas que "têm jeito pra coisa", que já façam isso no dia-a-dia (BITENCOURT, 2004).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que o professor aprende a utilizar os recursos tecnológicos de modo a surpreender seus alunos, sendo importante que também se surpreenda com as possibilidades da tecnologia. Muitas vezes esses recursos chegam até os alunos por outras rotas e para outros fins, principalmente diversão, o que torna o uso dessas ferramentas em sala de aula extremamente monótonas ou não.

Por fim, acredita-se ser possível uma relação entre contação de histórias e novas tecnologias, desde que, respeitem-se as particularidades de cada uma; planejem-se como os dois serão utilizados em sala de aula; compreenda-se que tanto contação de histórias quanto as tecnologias podem nos ajudar a construir conhecimentos e não apenas repeti-los ou exibi-los.

4 VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: OUVIR, SENTIR, VER E IMAGINAR

Este capítulo constitui-se pela análise e discussão dos dados construídos no meu Estágio Curricular Supervisionado realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Madre Teresa, situada na Rua Laurindo Peroni nº1050, no município de Terra de Areia, Rio Grande do Sul, no período de 11 de abril a 18 de junho de 2010.

Ao analisar as aulas e reflexões feitas ao longo do estágio supervisionado, percebeu-se que estas poderiam estar divididas em dois tópicos. Esses tópicos possibilitam relacionar as práticas vivenciadas, a luz dos autores que embasam este trabalho, ficando assim distribuídos: A contação de história no contexto da pré-escola e a contação de história como eixo interdisciplinar.

A contação de história no contexto da pré-escola

A leitura deve ser estimulada desde a primeira etapa da educação Básica, a Educação Infantil. O estímulo à leitura necessita ser constante, para que a criança desperte a criatividade e solte a sua imaginação.

Segundo Abramovich (2006. p.16) “escutar histórias é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Ao realizar o meu Estágio Supervisionado numa turma de pré-escola, na Escola de Educação Infantil Madre Teresa, pude perceber que mesmo sabendo da importância de inserir a criança ao mundo das letras, as escolas ainda nem sempre estão preparadas para esta prática.

A realidade que vivenciei, mostra que ainda se tem um conceito de escola infantil como um lugar onde se deixa os filhos para trabalhar, tendo um caráter assistencialista, sem a preocupação com o desenvolvimento cognitivo nem com suas aprendizagens.

Foi necessário observar junto aos meus alunos a importância da contação de histórias na sala de aula, pois o corre-corre da vida cotidiana não permite muitas vezes que os pais se dediquem a essa prática, deixando em alguns casos essa responsabilidade com a escola.

Essa situação foi evidenciada quando questionei meus alunos se eles gostavam de ouvir histórias e se seus pais contavam histórias para eles:

_ Eu gosto, mas minha mãe não conta história pra mim, por que ela ta sempre cansada.

_ Minha mãe não sabe contar história, ela disse que eu vou aprender na escola.

_ Minha mãe não sabe ler, ai minha irmã conta pra mim e meu irmão.

_ Meu pai e minha mãe não tem tempo, ai minha prima que conta pra mim.

_ Eu gosto de ouvir história prof. mas meu pai e minha mãe não sabem ler.

Diante destes relatos fui direcionando minha prática sempre ao encontro de atividades que envolvessem a Literatura, pois esta prática que é tão fundamental para o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade acabavam sendo pouco estimulados em casa, ficando a cargo somente da escola.

Segundo Abramovich (2006, p.17) “Ler histórias para as crianças, sempre, sempre. [...] É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, sendo um pouco cúmplice de um momento de humor, brincadeira, divertimento”.

Por isso, a escola é uma das mais importantes estâncias na luta pela transformação social, levando as histórias a esses alunos que não tem acesso ao mundo letrado na sua casa, assumindo o papel de transformadora da sociedade.

Também pude evidenciar que muitos dos alunos da turma da pré-escola manuseiam livros, revistas, jornais, e outros materiais impressos somente na escola, pois quando distribuía alguns livros para eles manusearem, era evidente a euforia com o novo e os comentários:

_ Que lindo profº! Posso levar pra casa?

_ Lê pra gente professor!

_ Que bonito os desenhos!

Assim, observei o quanto é importante pegar o livro, senti-lo, cuida-lo como se fosse um brinquedo que lhes proporciona prazer e divertimento.

Quanto mais proporcionava este encontro com diversos livros, mais as crianças tinham o interesse abri-los, manuseá-los, e até levar para casa,

Segundo Dohme (2010), o professor tem muito a contribuir neste processo de colocar o aluno em contato com o livro, aprendendo e ensinando-os a gostar de literatura infantil por meio da contação de histórias, pois ler histórias é uma atividade prazerosa que pode levar o aluno a desenvolver-se e a perceber o mundo a sua volta.

Em meu estágio utilizei a contação de histórias quase que diariamente, buscando tornar minhas aulas mais agradáveis e prazerosas, explorar o imaginário infantil, levantar questionamentos sobre assuntos trabalhados em aula.

Ao ouvir as histórias as crianças iam se sentindo cativadas pela entonação e pela sonoridade das mudanças de voz e sons que eu fazia e pelas ilustrações contidas nos livros que lia.

Então fui percebendo e ao mesmo tempo me encantando com as diversas possibilidades que as histórias me proporcionavam, pois por meio delas, minhas aulas foram tornando-se mais alegres, dinâmicas e interdisciplinares.

Todas as manhãs, já na rodinha vinham as indagações:

_ Hoje tem história prof?

_ T u vai ler pra gente?

- Que livro tu trouxe?

Coelho (2000, p. 20) enfatiza que “[...] a leitura diária na primeira infância permite as crianças um contato com a linguagem formal dos livros e textos escritos e as motiva para aprendizagens posteriores”.

Esse contato deve ser dinâmico e prazeroso, pois uma boa contação de história tem a missão de instruir e divertir ao mesmo tempo. Cabe ao professor escolher e explorar bem as histórias contadas com os seus alunos, utilizando técnicas e recursos variados.

Ao contar uma história, a voz, o ritmo, o espaço, o meio, enfim, diferentes aspectos devem ser observados.

Para Coelho (2000, p.21), “estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar elementos essenciais que nela está implícita, e identificar os elementos essenciais que constituem sua estrutura”.

Assim, buscava planejar bem cada história que contava para meus alunos, escolhendo um bom livro, estudando a história, as formas de apresentação e de narração.

Os recursos que utilizava eram também muito variados na contação de histórias. Usava fantoches, palitoches, marionetes, livros sanfonados, álbum seriado, mostrando que há outras formas de se ver, ouvir e sentir uma história além dos livros e eles amavam e ficavam impressionados com as imagens, os personagens e com as variações que eu fazia.

_ Posso brincar com o fantoche?

_ Posso levar o livro sanfonado pra minha mãe ver?

A história “A viagem da sementinha”, contada com um livro sanfonado foi muito divertida para as crianças, pois nunca tinham visto um livro assim, sanfonado, estavam acostumados a ouvir histórias em livros comuns, e este recurso além de proporcionar uma forma diferente e lúdica de se contar e ouvir uma história, possibilitou as crianças descobrir uma maneira diferente para este momento.

Com o passar das aulas ia percebendo uma mudança significativa em todos os alunos. Alguns mais retraídos, que estavam um pouco receosos com a minha presença como estagiário, começaram a se aproximar de mim. Outros que não demonstravam muito interesse nas atividades começaram a prestar mais atenção e a querer aprender e descobrir coisas novas.

Para Bamberger (2005):

Para contar histórias o professor tem o apoio de livros, fantoches e outros recursos como o timbre da voz e a entonação, e cabe a ele esticar ao máximo a curiosidade dos alunos em descobrir o que se encontra por traz do mundo mágico das histórias. (2005, p.18)

Muitas foram as histórias contadas durante meu estágio, onde busquei em cada uma delas construir alguns conceitos, conectar com alguns temas trabalhados em sala de aula, desenvolver habilidades e aptidões além de motivá-los e leva-los ao gosto e ao encantamento pela leitura.

Segundo Bamberger (2005), durante a pré-escola a prontidão para a leitura deve ser estimulada pela concentração do interesse do conteúdo do livro e pelo

treino da linguagem. Esse estímulo é necessário e imprescindível para despertar na criança o gosto por folhear livros, ouvir histórias e reproduzi-las oralmente.

Essa vontade e esse interesse eram percebidos sempre que os colocava em contato com este mundo da leitura, pois sempre que proporcionava o manuseio e o contato direto com diversos livros, era visível o grande entusiasmo que mostravam.

Não se pode deixar de enfatizar que, talvez por poucas condições financeiras ou mesmo por questões culturais, muitos relatavam não ter livros em casa, não tinham nenhum acesso a esse mundo letrado, tão importante para a construção do conhecimento e conseqüentemente para a alfabetização futura.

Assim, é preciso que o educador desde a Educação Infantil, crie em sua sala de aula, momentos de valorização e estímulo à leitura, tornando a prática da contação de histórias um hábito fascinante e fantástico que deve ser cultivado desde cedo, pois sabemos que vivemos numa realidade onde este contato com a leitura acaba sendo estimulado somente na escola.

Para tanto é necessário considerar que a prática da contação de histórias além de formar leitores ávidos e interessados pelo mundo da escrita é um excelente recurso pedagógico capaz de promover e enriquecer a aprendizagem da criança, constituindo-se numa proposta interdisciplinar que assegura a interação de todos os conteúdos.

A contação de história como eixo interdisciplinar

A contação de histórias propicia um ensino interdisciplinar, ou seja, permite a interação de todas as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Educação Física e Artes, pois as diversas histórias quando bem escolhidas e planejadas, permitem trabalhar integradamente todos os conteúdos de modo a favorecer a formação integral da criança.

Neste sentido Rocha afirma que:

A escola transformadora não envidraça, ao contrário disso deve promover o sentido de liberdade de expressão, busca do prazer estético, gosto pela leitura, criação de espaços para a valorização da interdisciplinaridade e pluralidade do olhar sobre o mundo (2001, p.8)

A filosofia da escola onde estagiei parte do pressuposto pedagógico que tem como eixo, a construção da identidade e da autonomia da criança frente às situações cotidianas, partindo das três premissas da Educação Infantil cuidar, educar e brincar.

Levando em consideração a formação da criança em todos os aspectos relevantes no desenvolvimento integral das mesmas, a escola busca elaborar atividades de acordo com a realidade dos alunos, contemplando assim, todos os objetivos da Educação Infantil, desenvolvendo a linguagem, o corpo e a sociabilidade, por meio da interação e da mediação com técnicas diversificadas e lúdicas, enfocando as especificidades e diversidades das crianças.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI 1998), a oferta permanente de atividades diversificadas em um mesmo tempo e espaço proporciona às crianças a oportunidade de participar de momentos de aprendizagens diferenciadas, pois a cada dia, vivenciam novidades e experienciam novas aprendizagens por meio de cantos, desenhos, músicas, pinturas, leituras de livros, modelagens, jogos de regras, etc.

É oportuno lembrar que os conteúdos, na Educação Infantil, dão-se por áreas de conhecimento, como linguagem, conhecimento lógico-matemático, ciências, estudos sociais, desenvolvimento corporal e musical, favorecendo desta maneira a formação integral da criança. A contação de histórias constitui-se num meio que permite trabalhar integradamente conteúdos dessas áreas de conhecimentos.

Então a partir dos conteúdos trabalhados na pré-escola, da filosofia da escola e da minha Arquitetura Pedagógica, busquei inserir a contação de histórias na minha prática escolar, fazendo com que esses momentos lúdicos e prazerosos enriquecessem minhas aulas e fossem ao encontro das disciplinas que trabalharia de forma interdisciplinar.

A SENHORA RODA DOS ALIMENTOS, foi à primeira história que contei para eles, dando iniciação ao projeto sobre a Alimentação, que estava proposto na minha arquitetura. Com esta história trabalhei muitos conteúdos além da linguagem e da oralidade. Trabalhei os hábitos alimentares, os nutrientes dos alimentos e a higiene alimentar.

A partir da história, propus aos alunos a produção de uma roda, ou melhor, uma roleta, onde eles iam colocando os alimentos conforme a história. Nesta atividade, além de brincar de girar a roleta, eles iam associando os alimentos aos nutrientes descritos na história fazendo um paralelo entre os alimentos e seus nutrientes, de forma lúdica e divertida.

Também confeccionamos palitoches de frutas e verduras, o que para eles foi uma atividade muito desafiadora, pois nunca tinham brincado com esse material, queriam explorar ao máximo aquela novidade, então tive que propor um momento de exploração dos palitoches antes e depois da história. Eles amaram!

_Que legal, nunca tinha brincado com palitinhos e desenhos!

Segundo Bamberger (2005), para envolver os alunos na leitura, nada mais importante que criar um ritual mágico para que as crianças possam ouvir, sentir, degustar e ver o maravilhoso mundo das letras.

Durante minha prática busquei inserir e despertar na criança o gosto pela leitura, pelas histórias infantis, colocando-as em contato com este mundo letrado para assim despertar nelas o gosto e o entusiasmo pelo mundo da alfabetização.

Em algumas das minhas aulas, levava para a sala de aula uma caixa com livros de literatura infantil que havia na secretaria. Esta caixa funcionava como uma minibiblioteca, já que a escola não dispunha de um espaço destinado a uma biblioteca escolar.

Para Abramovich (2006) a biblioteca escolar age como instrumento de autoeducação motivando-o a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando-o na formação de hábitos e na adoção de procedimentos relativos ao manuseio, a consulta e a utilização do livro, da biblioteca e a informação.

Nestes momentos as crianças ficavam dispostas livremente para manusear, folhear e brincar de ler as histórias de forma livre e descontraída. Nestes momentos as crianças eram as contadoras de histórias. Como contadoras exploravam todos os livros da caixa que ficavam ao seu alcance, desenvolvendo a oralidade, a expressividade, o gosto pelas letras, além do cuidado com o manuseio do livro impresso.

Vygotsky (1991, p. 134) cita que: “[...] o que se deve fazer é ensinar as crianças a linguagem escrita, e não a escrita das palavras”. Da mesma forma, na leitura, não é o suficiente codificar e decodificar signos, mas sim encantar-se pelo poder da palavra, pela sua essência.

Assim, as histórias também incentivam a leitura global, ou seja, uma leitura contextualizada embasada em cenas e personagens, que não muito além da simples codificação de letras que muitos professores insistem em chamar de alfabetização.

A história “A CESTA DA DONA MARICOTA”, me proporcionou falar sobre uma alimentação saudável, principalmente porque muitas famílias mandam seus filhos para a escola pelo fato de que na escola elas terão uma alimentação balanceada e saudável.

No dia seguinte a esta história levei para a sala de aula uma cesta com frutas para trabalhar os numerais, as quantidades, as cores, as formas, a classificação, a seriação e os sentidos.

Separámos as frutas por cores, diferenciamos umas das outras, observamos a casca de cada uma, suas formas, contamos quantas frutas de cada tipo tínhamos para fazer a salada de frutas, e a turma participou ativamente ajudando a selecionar, lavar e descascar as bananas.

_ Tem bastante laranja, eu trouxe da minha casa!

_ A manga escorrega, é molenga né professor.

_ Tem pouca banana na salada.

_ A minha mãe faz salada de frutas pra mim

As crianças, de forma espontânea iam descrevendo o que viam e sentiam ao tocar as frutas, de uma maneira descontraída e sem cobranças, apenas utilizando a sua linguagem infantil de demonstrar o que estavam sentindo na realização da atividade.

A atividade da salada de frutas foi muito divertida e proveitosa para as crianças, pois conheceram algumas frutas que nunca tinham visto como o kiwi e a carambola e alguns nunca tinham comido melão nem pêra.

_ Prof. que linda aquela fruta estrela, né?

_ Eu gostei muito do kiwi!

_ Ele é feio por fora, mas é bem lindo por dentro, verdinho. Eu gostei!

Comecei a observar como as crianças reagiam ao ouvirem as histórias, como se comportavam, e fiquei fascinado em perceber que a leitura se fazia presente em praticamente todas as atividades escolares cotidianas das crianças, nas brincadeiras, no lanche, nas refeições, enfim, tudo girava em torno de uma história.

Confeccionamos também um livrinho das quantidades, pois através da história “A Cesta da Dona Maricota” foram trabalhados os conceitos matemáticos e senti a necessidade de fazer um registro bem focado nestes aprendizados: números, quantidades, cores e formas, para assim, eles irem compreendendo a matemática como um todo presente nas suas vidas e não como somente números e cálculos, com os quais estamos acostumados.

Segundo Lajolo (2005, p.38) “[...] para seduzir o leitor há que pôr-se em seu lugar, antecipando suas expectativas, suas reações.” Assim a figura do professor é fundamental, uma vez que ele é o mediador desse processo.

Deve-se ressaltar, então, que o professor, para realizar este trabalho de contação de história, precisa gostar de ler, atualizar-se, tomar conhecimento das obras de literatura infantil existentes, trocar ideias com os colegas, a fim de ficar capacitado a desenvolver um trabalho didático de qualidade que, muitas vezes, encontra-se subexplorado.

A história do “SANDUÍCHE DA MARICOTA” também trouxe grandes contribuições para as atividades que estava desenvolvendo, bem como para o processo de gosto e incentivo a leitura como prática lúdica.

Após contar a história conversamos sobre ela e distribuí imagens dos personagens para que pudéssemos recontar cada um contando um pedacinho da história, eles adoraram, pois lembravam com afirmações os papéis de cada personagem.

Para Coelho (2000), a conversa e a retomada da história é fundamental.

[...] “Comentar, ao que parece, prolonga o deleite, conduz a novas leituras da trama, dos personagens, a uma compreensão mais nítida e esclarecedora.” (COELHO, 2000 p. 57).

Também fizemos um teatro, onde as crianças representaram os personagens, recontando-a com suas palavras e usando de sua criatividade para criar novas histórias.

_ *Eu vou ser a Maricota!*

_ *Eu vou fazer um sanduíche diferente.*

O teatro é um recurso pedagógico muito importante para a nossa prática, pois além de desenvolver o aluno em todas as suas dimensões, liberta as suas emoções, a sua imaginação.

Com esta atividade as crianças exploraram ao máximo o enredo divertido da história, adaptando os personagens, reproduzindo a história, alterando a sequência de fatos, enfim, criaram várias possibilidades a partir do texto original.

Aproveitando a semana de comemoração do Dia das Mães, busquei uma história que pudesse ligar esta data às minhas aulas. Então contei a história “SE AS COISAS FOSSEM MÃES” de Sylvia Ortoff. Conversamos sobre a família de cada um, claro que antes tive o cuidado de investigar se todos tinham família (pai, mãe, irmãos). Aqui tive a preocupação de colocar para as crianças que nem todas as famílias são constituídas por pai, mãe, irmãos muitas vezes têm outras formações, mas que mesmo assim são famílias.

Partindo da história e da data, aproveitamos para fazer um bolo para a mamãe no refeitório. Foi muito divertido e produtivo, pois as crianças puderam observar as quantidades, baseadas na receita, sem falar na alegria deles ao ver o bolo feito por eles pronto e fatiado.

Quando as mães foram busca-los eles alegremente diziam:

_ *Mãe fui eu e o prof. que fizemos o bolo!*

_ *Olha mãe, o bolo que eu fiz pra ti!*

Nesse sentido, o planejamento foi fundamental e a escolha da história é uma das etapas mais importantes, pois esta deve ir ao encontro da proposta da aula, deve estar inserida e conectada com as atividades de forma interdisciplinar.

Para Abramovich (2006), a contação de história exige pesquisa, preparação, cuidado e respeito pela história, não deve ser apenas um momento qualquer e sim um momento mágico e inesquecível para a criança.

Este cuidado e essa percepção eram meus objetivos ao contar histórias pois todos interagem com perguntas e depoimentos com relação às narrativas, pegavam o livro e me pediam para repetir, folheavam e recontavam acrescentando detalhes, vozes e ritmo, como se fossem contadores.

Assim, procurei sempre buscar livros de fácil interpretação e com uma linguagem coerente com a faixa etária das crianças, sem vocabulários muito rebuscados e com imagens coloridas e grandes.

A faixa etária ao escolher o livro é um cuidado que muitos professores tem que ter ao selecionar uma história, pois muitos livros não interessam as crianças de uma determinada idade, não é do seu centro de interesse, dispersando e desinteressando as crianças.

Segundo Bamberger (2005, p.87): “Bons livros, escritos num estilo vivo e seguindo uma trama emocionante, que obriga o leitor ou o ouvinte a participar, podem oferecer matéria para reflexão, além de conhecimentos básicos sobre o assunto”.

A imaginação, o sonho, a fantasia são fontes que alimentam a inteligência da criança, portanto contribuem para a sua formação. O mundo da ficção proporciona uma visão de mundo, que muitas vezes preenche lacunas resultantes da sua experiência de vida.

Segundo Zilberman (1985) através das histórias a criança reconhece o contorno e a realidade na qual ela está inserida e com a qual compartilha seus sucessos e suas dificuldades.

Uma história que foi muito envolvente foi a história “A MINHOCA DORMINHOCA”, por se tratar de um animal importante para o desenvolvimento e equilíbrio do meio ambiente e de outros seres vivos, as crianças viajaram por entre os túneis feito pelo animalzinho.

A história mostra a importância dos túneis feitos pelas minhocas e do húmus que ela produz, deixando as crianças enlouquecidas, principalmente quando fomos fazer um minhocário de vidro para observarmos melhor o caminho das minhocas.

Durante a procura de minhocas pelo pátio da escola as crianças conversavam:

- *Cuidado pra não machucar elas.*
- *Será que elas vão ficar aqui dentro da caixa?*
- *Eu quero pegar uma!*
- *Até que é bonitinha.*
- *Eca, que nojo, ela é molenga!*

Assim, percebi o quanto a escolha de uma boa história era fundamental para abordar os temas que queria, pois a história A MINHOCA DORMINHOCA, me proporcionou aprofundar muitos temas pertinentes e significativos para as crianças, pois trazia como personagem principal um animalzinho que todos conheciam e despertava neles diferentes sensações, mas que ao final das atividades, todos perceberam sua importância para o equilíbrio ecológico de uma forma lúdica e interdisciplinar.

No decorrer do meu estágio ia selecionando as histórias conforme as necessidades e os assuntos que ia abordando ao longo da minha prática. Muitas

histórias eram escolhidas de acordo com o que eu queria desenvolver naquele dia ou semana de aula. A partir do assunto, buscava a história e ia fazendo ganchos com atividades de diferentes áreas do conhecimento que eu poderia abordar.

Segundo os RCNEI (1998, vol. II, p. 29), [...] “o professor é o grande maestro do fazer pedagógico, é ele que une todas as disciplinas e as transforma numa melodia educacional perfeita”.

PRÓXIMA PARADA ESTAÇÃO BARRIGA, foi uma história que escolhi, por observar que as crianças costumavam comer muito rápido. Sempre que chegávamos ao refeitório era sempre a mesma coisa, enquanto muitos nem tinham se servido, outros já estavam na repetição e por mais que eu pedia e ensinava a comer e mastigar devagar, nunca conseguia atingi-los com meus argumentos, por isso, mais uma vez optei pelas histórias.

A história contava sobre uma menina que comia rápido e seu corpo não conseguia fazer a digestão e ela ficava doente. Foi incrível a mudança depois desta história, pois sempre relembavam, principalmente no refeitório, inclusive recontando para as outras crianças.

_ Não pode comer rápido, tem que mastigar bem, para não dar trabalho pros barriguinhas!

_ Se comer ligeiro o trezinho enche muito e não anda!

Os alunos perceberam de uma maneira lúdica, por meio de personagens, que precisamos mastigar devagar por que se não o nosso estomago (os barriguinhas da história), não conseguem fazer a digestão, e assim podemos adoecer, ficar fracos perder peso.

Nesse sentido Cunha (1998) enfatiza que a leitura de um livro não deve ser somente para estimular a linguagem ou para trabalhar conceitos gramáticos, mas sim, para levar com suas histórias situações vividas no cotidiano, sendo uma janela para a criança ver o mundo.

A história ULA, permitiu fazer um resgate da identidade da criança. Com essa história os alunos foram convidados a fazer uma reflexão sobre seu EU.

Conforme os RCNEI (1998) é imprescindível trabalhar a identidade na Educação Infantil, pois a criança aprende a imitar e a seguir os exemplos dos adultos. Muitos ainda, não aceitam o colega de cor diferente ou se exclui por ser diferente dos outros.

A atividade da caixa mágica, trabalhada a partir da história, serviu para trabalhar a identidade de cada criança, o seu eu, para isto levei para a sala um caixa surpresa, onde dentro havia um espelho, então pedi que cada criança abrisse a caixa e visualizasse o que havia dentro, sendo que lá estavam pessoas únicas, e importantes para todos, através desta brincadeira elas perceberam que são importantes para si mesmas e para os outros, enfatizando assim a autoestima pessoal de cada uma.

Além do cuidado em selecionar as histórias, outra preocupação que tinha era diversificar as maneiras, os recursos que usava para conta-las. Utilizava diferentes maneiras como álbum seriado, livro sanfonado, histórias teatralizadas, histórias com fantoches e cartazes, pois acreditava que por mais que as histórias eram interessantes, é importante que o visual também chamasse a atenção.

Então em uma aula propus aos meus alunos uma hora do conto diferente, onde eles ouviriam e visualizaram a história no computador. Como a escola não conta com um laboratório de informática, levei para a sala um data show e passei uma história digitalizada ROMEU E JULIETA. Foi muito bom e diferente para eles este dia, pois muitos nunca tinham visto um computador e para a turma ver a história numa tela grande era mais fascinante ainda.

Esta hora do conto foi muito especial para os alunos, pois além de verem a história num lugar diferente, despertou a curiosidade sobre os meios tecnológicos, tão presentes na nossa realidade global e tão distante do mundo infantil deles, já que muitos nem conheciam computador.

_ Prof. Como tu botou o livro dentro do computador?

_ Como a história aparece no telão?

_ Nossa, a página do livro fica bem grandona!

As crianças tiveram reações de espanto, fascinação e admiração com o que viam a cada página que eu ia passando e mudando na tela, as crianças ficavam mais eufóricas, pedindo para que eu voltasse todo o tempo.

Nesta atividade a história não foi tão significativa quanto a maneira como ela foi contada, pois o computador e a forma como o livro foi digitalizado e reproduzido na tela foi muito mais instigante para as crianças.

Segundo Sisto (2001, p.53) “É importante que se pense a tecnologia como uma nova visão de mundo e que possibilita a construção "on-line" de experiências. Não é apenas contar histórias com outra ferramenta, é preciso resignificar”

Então levei a turma na secretaria e mostrei no computador e na impressora da escola como fiz a digitalização. Depois montamos um filme no programa movi maker com as fotos deles, tiradas durante algumas atividades realizadas em sala, e mostrei no telão. Eles se acharam o máximo no telão.

A contação de histórias possibilita experiências desafiadoras e construtivas tanto para as crianças quanto para os professores, basta saber planejar e selecionar uma boa história e um recurso propício para conta-la, de forma a atrair sua atenção e a prepara-la para novas descobertas em todas as áreas do conhecimento.

Portanto, a partir das praticas com a contação de histórias desenvolvidas no meu estagio supervisionado, pude perceber que a Literatura Infantil é um recurso primordial para o desenvolvimento do aluno como um todo, interagindo de forma interdisciplinar com varias áreas do conhecimento, de forma agradável, desafiadora e com qualidade.

5 PARA CONTINUAR PENSANDO

Este trabalho foi relevante, pois trouxe reflexões acerca da importância da contação de histórias na Educação Infantil em todos os aspectos, desde as histórias contadas para entreter até as histórias para desafiar o pensamento e promover aprendizagens.

Contar e ler histórias implica também em desenvolver todo o potencial crítico da criança, pois através das histórias a criança é levada a pensar, questionar e duvidar, compreendendo que ela também está desenvolvendo a sua oralidade.

Os benefícios da contação de histórias são apontados como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como no desenvolvimento das práticas leitoras.

Sem dúvida é importante aproveitar o gosto que a criança tem pelas histórias, para estimular o desenvolvimento das aprendizagens, e não somente utilizar o livro como um mero instrumento pedagógico.

Cabe aos educadores, fomentar o imaginário infantil com histórias bem escolhidas, histórias com vocabulário rico e diversificado, utilizar recurso diversos para contar as histórias.

Portanto, cabe ainda ressaltar, que o professor precisa superar a condição de repassador de conhecimentos prontos e acabados e permitir ao aluno elaborar suas hipóteses na construção da leitura e da escrita, com atividades prazerosas, que despertem o interesse da criança pelo mundo letrado, sem fazer disso, uma atividade maçante e sem gosto.

Através da contação de histórias o professor (contador), pode perceber que a criança viaja em suas fantasias e em seus sonhos, aonde a imaginação vai além, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma natural e espontânea.

A criança deve pensar e refletir sobre a história ouvida. A aprendizagem deixa de ser mecânica e descontextualizada, por sua vez através de atividades lúdicas esta, passa a ser divertida e significativa.

Portanto, a contação de histórias na educação Infantil é fator didático altamente importante; mais do que um passatempo, ela se torna um elemento indispensável na alfabetização, ajudando na aquisição da escrita e da oralidade, pois traz descontração e entretenimento às aulas, fazendo com que as crianças sintam-se mais a vontade e mais motivadas a aprender.

É através do interesse por histórias infantis que nós educadores conquistamos o nosso público alvo para o hábito de leitura e enriquecimento do vocabulário, que passamos a eles que é através dela que se pode crescer e mudar não só a nós mesmos, mas sim mudar muitos outros fatores que fazem parte da vida em uma sociedade, que a contação de histórias como leitura ouvida, pode nos tornar pessoas mais participativas de forma crítica no meio em que estamos inseridos.

A minha experiência com a contação de histórias, buscou estimular o imaginário da criança de forma saudável, lúdica, ensinando-lhes a compreender, ouvir, apreciar uma boa história, sem cobranças, sem barreiras, somente pelo gosto de fantasiar e contemplar a beleza de ser criança.

Todo este universo de mudanças humanas pode acontecer em consequência do uso e valorização da importância de se ouvir ou se contar uma história, preferencialmente desde bem pequenos, em casa e na escola.

Portanto, a contação de histórias na Educação Infantil, poderia ser uma prática rotineira das escolas, pois a valorização desta atividade interfere no desenvolvimento integral da criança, além de estimulá-la a conhecer e apaixonar-se pelo mundo da leitura, de forma a garantir sujeitos críticos e bons leitores.

Este trabalho foi muito relevante para a minha formação profissional, pois me fez compreender que a criança não precisa saber ler para ter contato com a leitura, ela deve ser estimulada desde cedo, já na Educação Infantil, pois nós professores podemos fazer a diferença na vida das crianças, despertando nelas o prazer de ouvir uma boa história, de criar suas possibilidades a partir dela, ou simplesmente viajar com seus personagens, basta que o professor esteja aberto e disposto a preparar esse ambiente lúdico e desafiador.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 9 ed. Petropolis: Vozes, 2001.

ARIÈS, Phillippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC , 1981

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos conceitos de fada**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Constituição Federal de 1988.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido: Cultura escrita**. Ed. Mercado de Letras, 2008.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teorias, analise, didática**. São Paulo. Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1998.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Ed. Sextante, 2003.

DOHME, Vânia D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo. Informal Editora, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 2005

MACHADO, Maria Lúcia de A. **Educação Infantil e sócio-interacionismo**. In: OLIVEIRA, Zilma de. Dissertação de mestrado. PUC. São Paulo, (mimeo), 1992.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília, 1998.

SANDRONI, L; MACHADO, L. **A criança e o livro: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

SISTO, Celso. **Textos e protextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó Argos, 2001.

VARGAS, Laerte. **Por que devemos contar histórias para crianças**. São Paulo: FTD, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMANN, Regina. **Como e porque ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva 1985.

ANEXOS



